

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*).

IBN IYÁS-AL-HANAFI. — **Journal d'un bourgeois du Caire** (Chronique d'Ibn Iyás). Tradução e notas de Gaston Wiet. S. E. V. P. E. N. Paris. 1960. Coleção "Bibliothèque Générale de l'École Pratique des Hautes Études". 2 vols.

Este **Journal d'un bourgeois du Caire** editado em dois volumes, é a continuação da **Histoire des Mamelouks Circassiens**, impressa pelo Instituto Francês de Arqueologia Oriental do Cairo no ano de 1945. A Crônica de Ibn Iyás traduzida por Gaston Wiet, situa-se no período que vai do início do século XIV até o ano de 1516. A leitura desse **Journal d'un bourgeois du Caire**, segundo a expressão feliz de Jean Sauvaget, é interessante por mais de um motivo: primeiramente porque se trata do fim de uma época, quando o Egito vai ser ameaçado nas suas comunicações com o Oceano Índico; temos, pois, na Crônica o relato — visto do ângulo egípcio — da repercussão da expansão portuguesa no Extremo Oriente. Em segundo lugar, o governo mameluco não se mostrou capaz de lutar contra as ambições otomanas e Ibn Iyás nos mostra as lamentáveis e diárias tergiversações do sultão, cuja única desculpa é a falta de confiança por êle depositada nos seus oficiais superiores. Na leitura da obra se colhem, esparsamente, dados econômicos, muito raros para o nosso gosto, pois os autores árabes a esse propósito são de uma falta de curiosidade desconcertante.

Devemos notar também que temos com esta obra a primeira crônica seguida desse período, crônica que passa assim para uma língua europeia de grande difusão; para o reinado do sultão Qânsûh tínhamos até agora apenas relações de viajantes europeus, os quais também foram aproveitados nas numerosas notas de rodapé da lavra de Gaston Wiet.

E. S. P.

MAURO (Frédéric). — **Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe siècle (1570-1670)**. Coleção "Ports-Routes-Trafic" da École Pratique des Hautes Études. S. E. V. P. S. N. Paris. 1960. XLI + 550 pp.

O Autor estuda neste livro os mecanismos, as instituições e as flutuações da economia colonial portuguesa em torno do Atlântico, nas vésperas da união com a Espanha, após a paz assinada com ela para pôr fim à Guerra da Independência, durante, pois, o período que viu a passagem do império português do Oceano Índico para o Atlântico. O Autor preocupou-se em fazer a geografia, a sociologia, e tecnologia e a economia desse conjunto marítimo, em fazer se não a história total, pelo menos a história econômica total desse período.

(*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente resenha bibliográfica (Nota da Redação).

A primeira parte precisa as condições náuticas e geográficas dessa economia: rotas ideais de veleiros e rotas realmente seguidas por eles, métodos de navegação, tipos de navios, construções navais, vicissitudes das viagens, riquezas e obstáculos das costas, das ilhas, das terras submetidas à influência dessa via marítima.

A segunda parte, a mais longa, é consagrada ao funcionamento dos grandes setores dessa atividade marítima e colonial: pau brasil, escravos, açúcar, produtos do mar, trigo, etc... O açúcar aparece como o produto "dominante", modelando toda a economia agrária brasileira e fazendo dos mercadores portugueses os grandes aproveitadores do comércio, enquanto que o moageiro (*maitre de moulin*) vive duma exploração deficitária, como o prova um verdadeiro estudo de "economia de empresas".

A terceira e última parte estuda as estruturas de conjunto e a conjuntura geral. É um ensaio de macro-economia ou de economia geral, segundo a expressão dos economistas dos nossos dias.

O método empregado é bastante característico das tendências atuais da escola histórica francesa, principalmente no que tange a história econômica.

E. S. P.

*

LÜTHY (Herbert). — *La Banque Protestante en France, de la Révocation de l'Edit de Nantes à la Révolution. II. De la Banque aux Finances (1730-1794)*. S. E. V. P. E. N. Paris. 1961. Coleção "Affaires et Gens d'affaires", vol. 19. 861 pp.

Esse segundo volume do livro "La banque protestante en France", que tem como subtítulo "De la banque aux finances", nos mostra a história dos banqueiros franceses no seu apogeu, na época de Necker e Calonne, até o período da decadência da Revolução. A evolução das atividades bancárias através do século XVIII, do comércio das letras de câmbio e do lançamento de empréstimos, refletem todas as mudanças do regime financeiro da monarquia, que acabou por não mais se apoiar sobre seus próprios banqueiros, mas sim sobre o crédito manejado pelos bancos privados. Após a concentração de todas as atividades bancárias em torno dos negócios de Estado, durante as crises do reinado de Luís XIV e da Regência, analisados no primeiro volume, a primeira parte do II volume mostra o conjunto das atividades dispersas na época da consolidação monárquica nos meados do século XVIII, por uma série de histórias de dinastias bancárias nascentes (das quais uma, a dos Mallets, vai festejar o seu 250.º aniversário). A segunda parte do presente volume mostra como o rápido desenvolvimento do grupo bancário dirigido por Necker estava ligado à constelação histórica criada pela Guerra dos Sete Anos, que entregou o império marítimo e financeiro das Índias à Inglaterra, e às lutas em torno dos despojos da Companhia Francesa das Índias, de onde nasceu a Caixa de Descontos, sucessivamente monopolizada pelos grupos rivais. As rixas dos clãs financeiros durante os ministérios de Necker e de Calonne